

ENTRE SER E PENSAR NO *PÓS-ESCRITO CONCLUSIVO NÃO CIENTÍFICO ÀS MIGALHAS FILOSÓFICAS DE KIERKEGAARD*.

Gilson Mendes Maciel¹

RESUMO:

O presente artigo discute a relação entre ser e pensar, na obra filosófica *Pós-Escrito-Scriptum conclusivo não científico às Migalhas filosóficas*, concluída em 1846, por Søren Kierkegaard (1813-1855). A intenção é investigar o conceito de verdade, considerando uma possível adequação entre pensamento e ser, bem como apresentar o lugar do pensamento do dinamarquês enquanto modo singular de filosofar, no interior de sua crítica aos sistemas filosóficos.

Palavras chave: Ser; Pensar; Verdade; *Pós-Escrito*; Kierkegaard.

ABSTRACT:

The present article discusses the relation between being and thinking, on the *Concluding Unscientific Post-Script to philosophical Fragments*, concluded in 1846, by Søren Kierkegaard (1813-1855). The intent is to investigate the concept of truth, considering a possible match between thought and being, as well as presenting the place of the Danish's thought as singular mode of philosophizing, in the interior of his criticism to philosophical systems.

Keywords: Being, Thinking, Truth, *Post-Script*; Kierkegaard.

¹ Mestrando em Filosofia pela UnB

INTRODUÇÃO

De início cumpre esboçar alguns aspectos metodológicos e apontar alguns elementos singulares do *Pós-Escrito Conclusivo Não Científico às Migalhas Filosóficas*, com vistas a estabelecer um debate com a filosofia sistemática. Trata-se da crítica kierkegaardiana a um postulado patente na história da filosofia e a definição de verdade que dele subjaz: a adequação entre pensamento e ser, lugar onde se dá o conflito entre duas formas de filosofar, quais sejam, entre o pensador objetivo e o pensador subjetivo, estabelecido no interior do *Pós-Escrito*. Intentaremos chegar ao parágrafo terceiro, capítulo três, segunda seção, contida na segunda parte, intitulado "A contemporaneidade dos momentos particulares da subjetividade na subjetividade existente; contemporaneidade como oposição ao processo especulativo".

Cumpra ainda frisar que nosso enfoque se dará no correspondente ao expressado no *Pós-Escrito*, relativo às categorias de Sujeito, interioridade e paradoxo, percebendo como essas categorias se relacionam com seu modo de fazer filosofia, através do uso da comunicação indireta, ou seja, como Kierkegaard mantém a coerência interna de seu discurso, na relação entre teoria e práxis do pensamento, de modo a estabelecer uma crítica à ligação direta entre pensar e ser, estabelecendo um modo peculiar de comunicação. Diz-nos Rossati (2011), que Kierkegaard estabelece uma forma narrativa, onde o narrador realiza experimentos existenciais². Considerando neste escrito que sua comunicação é indireta e pseudonímica³, utiliza-se de uma estrutura metodológica própria, estabelecendo por detrás de seus experimentos: a) um jogo, onde o leitor é imerso em um turbilhão da existência, sem palavras introdutórias e nem conclusivas; b) um autorretrato do próprio trabalho, de sua própria existência, inconclusiva e não objetivamente.

² Importante destacar que o conceito de experiência não foi objeto de análise por Kierkegaard, muito embora encontremos em seu modo de pensar a questão da existência e do sujeito existente e neste sentido torna-se sim possível estabelecer uma relação direta e profunda com a experiência.

³ É importante frisar que esta afirmativa refere-se ao *Post-Scriptum*, (ou Pós-Escrito na tradução de Álvaro Valls), do contrário, seria um equívoco alegar que toda comunicação utilizada no seu *corpus* literário é indireta.

Em sua obra, Kierkegaard desenvolve experimentos consigo mesmo. Ele se descreve como "amador", que não escreve nem sistema e nem promessas dele (KIERKEGAARD, 1988, p. 110)⁴. A maneira como o dinamarquês utiliza-se de seus pseudônimos talvez seja um modo de revelar-se em suas múltiplas facetas, permitindo-se ainda, realizar a dialética da comunicação⁵, “para inspecionar seus próprios monstros”, como refletiu Luis Guerreiro Martinez⁶.

SISTEMA E SISTEMÁTICO NO INTERIOR DO PÓS-ESCRITO

Muitos foram, e talvez ainda sejam, os debates a respeito de ser ou não Kierkegaard um filósofo. Como já dissemos, é um autor que utiliza-se de pseudônimos e ironicamente, em suas próprias palavras, não chegou a compreender os sistemas especulativos. “O presente autor de nenhum modo é um filósofo. Não compreendeu nenhum sistema da filosofia se é que algum existe ou esteja concluso.” (KIERKEGAARD, 1988, p. 110)

Concluído em 1846, o *Pós-Escrito Conclusivo Não-Científico às Migalhas Filosóficas* é uma obra de continuidade às *Migalhas Filosóficas*. Aborda diversas questões já postas, dando uma roupagem histórica aos problemas, em uma filosofia em constante devir, mas ironicamente ainda, de caráter panfletário. Por certo, em uma época de construção de sistemas totalitários, lançar migalhas de filosofia expõe uma grande ironia com um modo determinado de tentativa de abarcar a realidade teoricamente, de modo absoluto.

⁴ Não podemos perder de vista o caráter irônico impresso por Johannes de Silentio, pseudônimo de Kierkegaard, mas por tratar-se de uma questão extremamente complexa e longa não podemos adentrar em tal debate.

⁵ Para falarmos em uma possível dialética da comunicação em Kierkegaard, não podemos perder de vista que o mesmo não se aventurou no exercício da cátedra magistral, pois comunicar diretamente o que pensava de forma indireta parecia-lhe um grande equívoco.

⁶ Unos seudónimos se ven unos a otros. Es la manera que Kierkegaard tiene de verse a sí mismo. De inspeccionar sus monstruos marinos. "Soy un lago oscuro y profundo, donde a veces lanzo el arpón, y saco algunos de mis monstruos marinos". Es una invitación para que uno se vea a sí mismo, a ser visto e involucrarse. Más que invitación es toda una provocación para mí, para ti. Los personajes de la Biblia se quedan viendo, y pregunta: ¿ Que pasa contigo? Y lo mismo preguntan los seudónimos de los Estadios (GUERREIRO, 2011, p.124).

Só mais uma observação ainda quero fazer, quanto a tuas numerosas alusões a respeito das ideias emprestadas que introduzi no que ficou dito. Não nego que seja esse o caso, nem quero agora ocultar, de jeito nenhum, que isto foi feito intencionalmente, e também que na sequência deste folheto, se algum dia eu chegar a escrever uma continuação, tenho em mente nomear as coisas pelo seu verdadeiro nome e revestir o problema de seu costume histórico. Se é que chegarei a escrever uma continuação, pois se um escritor de folhetos, como eu, não tem nenhuma seriedade, como sem dúvida já ouviste dizer de mim, de que maneira então poderia querer ao final simular uma seriedade que não tenho, só para agradar os homens, ao fazer o que talvez seja uma grande promessa? Com efeito, escrever um folheto é uma frivolidade - mas prometer um sistema, eis aí o que é sério; e isto já transformou muito homem em gente extremamente séria, aos olhos dele mesmo e dos demais (KIERKEGAARD, 2011, p. 154).

Neste espírito de continuidade, o *Pós-Escrito* insere-se no projeto kierkegaardiano de crítica aos sistemas filosóficos, para o qual, um sistema lógico é possível, entretanto não ocorrendo o mesmo com um sistema da existência, na medida em que esta não se limita a conceitos, que por sua vez definem e enquadram o ser. O *Pós-Escrito* se configura como uma obra densa, ironicamente e aparentemente o leitor desavisado pode ter a ideia de um grande tratado de filosofia, mas esta falsa imagem possivelmente não ocorre por acaso. Não é tão somente uma recapitulação *mímico-patético-dialética*⁷ que encontramos nesta obra, mas a realização de uma profunda investigação a respeito das próprias condições de existência; sobre o ato de existir. Não é conclusivo, como deveria esperar-se de um tratado ou de uma investigação científica, muito embora talvez seja possível definir e concluir sem necessariamente ter o suporte da ciência ou dos *sistemas*. Marcio Gimenes de Paula esclarece-nos que, "segundo Kierkegaard, é preciso que se exista realmente para que se possa conhecer algo. Ele não acredita nas afirmações sistemáticas e científicas que abstraem as coisas e deixam de lado o ser humano existente" (PAULA, 2009, p. 36).

Cumpramos destacar o alerta de Vergote para compreendermos a "estrutura profunda" do *corpus kierkegaardiano*, e deste modo adentrarmos na engenhosidade de suas obras, afastando os estereótipos que criam mal-entendidos, sobretudo quando o assunto é o pensamento e o pensador sistemáticos.

⁷ Esta é a maneira como Johannes Climacus, editado por Kierkegaard, apresenta sua obra. Pós-Escrito Conclusivo Não Científico às Migalhas Filosóficas - Coletânea mímico-patético-dialética. Uma contribuição existencial.

Aquele sobre quem repetimos, com tanta complacência, que até já se tornou um lugar comum, que é adversário de todo "sistema" e que recusa ser posto em parágrafos, não estaria dando assim a entender que o seu pensamento não deixa de ser, de uma certa maneira, "sistemático"? Isso não é completamente impossível. Nós o reconheceríamos com mais boa vontade se aceitássemos recordar que aquele que remete assim constantemente à estrutura de sua obra sabia igualmente bem distinguir entre a aparência sistemática e a coerência real de um pensamento. Admirando que Descartes tenha escrito seu sistema em latim para passar em seguida, a outra coisa que escrevia em francês, concluía que sequer estamos obrigados a escrever um sistema, contanto que - à maneira de Aristóteles, que ele admirava - ao escrever mostremos uma coerência que talvez não tenham em seus pensamentos aqueles que se apoiam num sistema em seus escritos. De sorte que, se devêssemos falar de um "sistema" de Kierkegaard, não deveríamos fazê-lo senão com prudência [...] (VERGOTE, 2001, p. 10).

A relação de Kierkegaard com a ideia de sistema não é trivial. Álvaro Valls (2011), afirma que somente em raras exceções, Kierkegaard ao mencionar “*sistema*”, não refere-se ao hegeliano. Não por acaso o nome da obra, “*conclusivo não científico*”, expõe seu modo irônico de análise, deste modo, opondo-se ao aspecto científico da obra de Hegel, onde encontramos uma filosofia que busca ser um saber efetivo, científico: "A verdadeira figura, em que a verdade existe, só pode ser o seu sistema científico. Colaborar para que a filosofia se aproxime da forma da ciência - da meta em que deixe de chamar-se amor ao saber para ser saber efetivo - é isto o que me proponho. (HEGEL, 2002, p. 27)

Deste modo, o uso de pseudônimos, combinados com obras assinadas pelo próprio autor e seus discursos⁸ perfazem um todo do *corpus Kierkegaardiano*, por isso "somos convidados a primeiro ler a totalidade da obra, a fim de poder situar cada obra particular como um "momento" desta totalidade" (VERGOTE, 2001, p. 10). Em meio a esse todo, em uma obra onde Kierkegaard não fez uso de pseudônimos, a saber: *Ponto de Vista Explicativo de Minha Obra como Escritor*, o dinamarquês nos diz qual o papel do *Pós-Escrito* no combate contra a grande pretensão idealizante totalizadora dos sistemas.

... aqui se situa o Post-Scriptum definitivo, o ‘ponto crítico’ de toda a obra que

⁸ Sobre as várias classificações da obra de Kierkegaard, ver o excelente livro de Ricardo Quadros Gouvêa. GOUVÊA, Ricardo Quadros. *Paixão pelo paradoxo: uma introdução aos estudos de Søren Kierkegaard e de sua concepção da fé cristã*. São Paulo: Fonte Editorial, 2006.

põe o 'problema' e que, por outro lado, graças a uma esgrima indireta e a uma dialética socrática, fere de morte o 'Sistema', pelas costas, numa luta contra o Sistema e a especulação (KIERKEGAARD, 1986, p. 85).

É preciso esclarecer que Kierkegaard considera que, ao pensador autêntico, só resta tratar com rigor e seriedade o ato de pensar, conduzindo o ser pensante aos limites da razão, naquela zona onde o confronto com ideias conformadas a um modo de ser e existir, são condicionadas aos pré-conceitos lógico-existenciais. Disto, poderia se supor que Kierkegaard é um anti-sistemático, que seu modo de pensar implica o fim dos sistemas, mas certamente esta seria uma interpretação equivocada, desvinculada do *corpus Kierkegaardiano*. Há, em uma interpretação deste tipo, uma completa inversão da crítica do dinamarquês, pois sua luta não se dirige diretamente ao sistema, mas à tentativa do sistema em suprimir toda a realidade, limitando às categorias da mediação lógica as noções de sujeito, interioridade, transcendência, fé e paradoxo⁹.

Para Kierkegaard a existência por si constitui-se em um sistema, mas ele não está dizendo com isto que seja possível um sistema capaz de abarcar toda a existência, ao menos não para o existente (ALMEIDA, 2013, p. 90). No *Pós-Escrito*, bem como no conjunto da obra kierkegaardiana, a crítica aos sistemas filosóficos e de certo modo aos pensadores sistemáticos ocorre de modo frequente. Para o dinamarquês, a pretensão dos sistemáticos em abarcar toda a realidade e a existência no espaço limitado dos sistemas lógicos é uma ficção.

A experiência enquanto ser existente não pode estar limitada à especulação sistemático-filosófica. Kierkegaard não se cansa de atacar a tentativa de adequar pensamento e ser, onde a vida é simplesmente reconstituição biológica, onde o sujeito nasce, cresce, envelhece e morre, numa tentativa de limitação da vida pelo viés de uma ciência específica. O que há nesta tentativa aos olhos de Kierkegaard, é um aprisionamento da existência, tornando-

⁹ Neste sentido parecem ainda muito vivas as velhas críticas que se faziam ao dinamarquês "quando, em 1983, o "Folhetim" da *Folha de S. Paulo* publicou duas páginas intituladas: *E não se leu Kierkegaard*, este título retratava nossa realidade. Kierkegaard não passava de um filósofo dinamarquês que entre nós só se conhecia de ouvir dizer. Pouco ou mal traduzido (com honrosa exceção dos *Textos selecionados por Ernani Reichmann*), rodeados de preconceitos e de estereótipos, Kierkegaard era um legítimo (ria-se, Andersen...) patinho feio da filosofia. Dele quase só se conheciam algumas expressões agônicas, como melancolia, angústia e desespero, além de outras altamente suspeitas para os filósofos, tais como salto da fé, absurdo e paradoxo. Sua frase mais célebre era: *a subjetividade é a verdade*, donde se deduzia (gratuitamente, é verdade) todo e qualquer relativismo. Tais ficções eram alimentadas pelos cortes das passagens indesejáveis do *Corpus Kierkegaardiano*[...] (VALLS, 2013, p. 67).

a limitada e, por conseguinte, não relacionada a outras existências, a outros indivíduos singulares, a descontinuidades possíveis, a relações intersubjetivas, ao não desenvolvimento da interioridade que cria as condições para o identificar-se a si mesmo¹⁰. No fundo, adequar o ser ao pensamento, é desconsiderar a limitação do pensar lógico-racionalmente. Não obstante, o existente ser absolutamente individual, é ao mesmo tempo universal,¹¹ e esta aparente dubiedade é o elemento fundante da diversidade humana.

Tais questões poderiam levar-nos a identificar Kierkegaard como um irracionalista, sobretudo aceitando a infundada crítica, de que ele teria realizado uma filosofia sem rigor, e por isso mesmo, não seria filosofia, e ainda, teria ele abandonado o método e a razão. Tais teses demonstram um profundo desconhecimento da obra kierkegaardiana. A razão pode ser entendida de muitas formas, como nos explica Álvaro Valls.

Podemos entender "razão" em muitos sentidos. Quando falamos em razão pensamos geralmente também no irracionalismo, e uma das acusações que se costumava fazer a Kierkegaard é a de que ele seria um "irracionalista": seria um autor incapaz de fazer a síntese, perdido entre a tese a antítese, um hegeliano que não mastigou e assimilou bem o seu Hegel e a sua dialética, enfim, um irracionalista no sentido lógico; e também, coitado, um infeliz no amor, que confundia filosofar com suspirar, fazer confidências sobre a ex-noiva, de modo que sua filosofia acabaria sendo uma espécie de novela de segunda categoria. Seria um irracionalista: pois não teria levado a sério o trabalho filosófico, o trabalho do conceito (VALLS, 2000, p. 177).

Tais questões fazem-nos retornar a crítica kierkegaardiana do sistema e por conseguinte dos sistemáticos, pois que para tal, faz-se necessário rigor e método, faz-se necessário conhecer profundamente o sistema a que se está criticando, bem como a sua pretensa tentativa de abarcar toda a realidade. Ainda nas palavras de Valls:

¹⁰ "Pero así como Kierkegaard se opuso, radicalmente y de modo polémico, al "sistema" de Hegel y a los vínculos extendidos entre los individuos y la "humanidad", no por eso cayó, por otra parte, en la idea de Stirner, referida a un Yo desnudo, que abandonaba tanto la humanidad en general como el elemento universal-humano: [...]. La tarea que Kierkegaard se propuso - sin poder llevarla a cabo- fue, por el contrario, ésta: realizar lo universal del ser humano en un *sí-mismo individual*" (LÖWITH, 2011, p. 411-412).

¹¹ "De tal suerte, hay, de manera característica, tres excepciones que se refieren al ser *universal* del hombre cumplido en la destrucción de lo vigente: la masa del proletariado, excluida de la sociedad burguesa (Marx); el Yo, eliminado de toda comunidad (Stirner), y el sí-mismo, desprendido de la cristiandad (Kierkegaard). Esas tres excepciones caracterizan la esencia universal del hombre en la destrucción de la humanidad cristiano-burguesa. (LÖWITH, 2011, p. 413).

Sem receio afirmo, por um lado, que Kierkegaard é um dos filósofos mais racionalistas, e racionalista também naquele sentido de "cerebralismo". Até o Sedutor Johannes, do Diário do Sedutor, é um cerebral: tudo o que ele faz é muito planejado, racionado, tudo de uma segunda instância, ou de um segundo nível de consciência. O próprio gozo estético é nele refletido, ele goza em dois tempos, vivendo a situação com a moça, produzindo, movendo a moça como motor imóvel aristotélico, que move sem ser movido, comove sem se comover, tudo planeja, é um maquiavélico, ou mais: é um irônico, cerebral e racionalista. Mas não obstante tudo isto, também não se pode deixar de dizer que Kierkegaard reconhece a razão em seus limites, de tal modo que chegando ao último limite é preciso ter a coragem de dizer: "Hic Rhodus, hic salta". Aqui seria preciso realizar, e possivelmente justificar, o salto (VALLS, 2000, p. 181).

Precisamos considerar, pois, o lugar que a experiência ocupa no pensamento do dinamarquês e de que forma a "relação" molda a consciência na sua busca pela verdade e, deste modo, compreendermos o que ele quer dizer com "A verdade é a subjetividade"¹², pois certamente tal afirmação não deve ser identificada com um irracionalismo, é preciso considerar que tal afirmação é feita, para dentre outras questões, explicar o paradoxo, na medida em que ele mostra o que é o aspecto objetivo da subjetividade. É preciso considerar ainda que não estamos a falar simplesmente de verdade enquanto máxima do pensamento, mas antes a determinar o lugar da especulação. Neste sentido a força do pensamento especulativo de Kierkegaard aparece vivamente, não de modo a realizar correções lógico-existenciais no sistema, mas entendendo que a verdade é uma questão também da subjetividade, assim, verdade não somente como questão do saber, mas do próprio existir. Neste sentido, Heywood Thomas¹³ escreve:

[...] Mas já admitiu que ele foi bastante claro sobre a questão da incerteza da fé. Não se pode negar que há um certo exagero aqui, como resultado de sua

¹² Dada a grande complexidade deste tema, nosso objetivo é apenas o de trazer uma asserção de Kierkegaard, dentro do contexto de nossa discussão sobre a adequação entre pensamento e ser e ainda de acordo com o objetivo desta investigação, trazer à tona o conceito de verdade, considerando uma possível adequação entre pensamento e ser, bem como apresentar o lugar do pensamento do dinamarquês enquanto modo singular de filosofar, no interior de sua crítica aos sistemas filosóficos, como expusemos logo no início.

¹³ Heywood Thomas, lendo o Dr. E. L. Allen em (Søren Kierkegaard, *His life and thought*, London, 1935, p. 198.) diz que o Dr. Allen revela a mesma incapacidade de Jolivet para apreciar a sutileza das questões de Kierkegaard sobre o Paradoxo, fazendo assim a mesma crítica: "Há ... uma séria objeção a essa questão ... Kierkegaard refutou a si mesmo, pois ele não trabalhou para remover a ofensa de que fala, apenas mostrando que um paradoxo que desafia a razão é só o que devemos esperar".

preocupação com o risco da fé. Ele não conseguiu ver que o risco não é removido se podemos encontrar algumas razões, sendo enganados pelo falso modelo de razões científicas. O que ele quer dizer é que, se há todas as razões para se acreditar, não são pelos motivos do modelo que possuímos de ciência. O ponto de suma importância é que, aqui os motivos da vida religiosa nunca serão a prova, porque esta vida é essencialmente uma escolha e compromisso apaixonado. (THOMAS, 1957, p. 76)

Uma leitura cuidadosa demonstra que Kierkegaard não é um irracionalista, ele tenta responder as questões mais típicas da filosofia, não de modo direto, antes indiretamente e ironicamente de modo sistemático, como por exemplo: a) Há limites para a razão? e; b) Como podemos reconhecer tais limites?¹⁴

PENSAMENTO E EXISTÊNCIA

Kierkegaard apresenta-nos a noção de estádios da existência, a saber, o estético, o ético e o religioso. Tais estádios não são estanques, não se constituem como degraus, no qual o indivíduo passa de um a outro, como em um processo evolutivo. Estamos tratando da possibilidade de escolhas existenciais em contraposição ao indivíduo que necessita de mediação para realizar a síntese que não é possível, dado que faz-se necessário a escolha e a decisão do indivíduo existente. Se assim não fosse, então a existência poderia ser moldada por padrões ou por necessidades. Por isso, o que temos não são evoluções, nem conexões entre estádios, o que temos são abismos que só podem ser superados pelo salto. Este é o modo peculiar do entendimento de Kierkegaard. Não há possibilidade lógica de mediação, não é

¹⁴ Sobre a questão de possíveis limites para razão há o interessante artigo do Professor Stephen Evans, da Baylor University - Texas - USA, "Kierkegaard and the Limits of Reason: Can There Be a Responsible Fideism?", no qual ele defende que Kierkegaard é um "fideísta responsável", com todas as implicações que daí advém. Ao falar sobre os limites da razão ele não se refere simplesmente a fatos corriqueiros como, por vezes, que os seres humanos cometem erros em seu raciocínio, e que têm a capacidade de manter em sua consciência apenas um número finito de proposições, sendo ainda incapazes de reconhecer intuitivamente a validade em inferências para além de um certo grau de complexidade, e assim por diante.

possível realizar contornos ou caminhos alternativos.

O homem ao escolher tornar-se a si mesmo, toma uma decisão, decisão que situa-se no âmbito do subjetivo, por este motivo na visão de Kierkegaard, não pode haver "nenhum vestígio de qualquer questão objetiva"(KIERKEGAARD, 2010, p.133). Este homem que toma a decisão compreende a singularidade de sua própria história, trilhando pelo caminho da ética. "Por isso, a ética fita com olhos desconfiados todo o saber histórico universal" (KIERKEGAARD, 2010, p.138), pois este facilmente pode tornar-se uma armadilha. Esta postura é bastante distinta da de Hegel, para quem a história segue no movimento da consciência, rumo a união com o Espírito absoluto (HEGEL, 1992, p.220), de modo que a razão possui os maiores objetivos. "Entre as várias consequências decorrentes do que foi dito, pode-se ressaltar esta: que o saber só é efetivo - e só pode ser exposto - como ciência ou como sistema" (HEGEL, 2002, p. 38), e assim os indivíduos particulares devem estar sempre em direção ao universal. A diferença é que para o dinamarquês não existe uma história universal, onde o absoluto se manifesta, mas a história de cada indivíduo singular, onde é realizado o si mesmo.

Kierkegaard diz que a ética fora expulsa do sistema e substituída por uma grande confusão entre o universal e o individual, e mais, entre a exigência da história com a eterna demanda da consciência sobre os indivíduos (KIERKEGAARD, 2010, p. 341). Esta acusação vai de encontro a noção hegeliana de um indivíduo que não ultrapassa um mero lugar na superfície, dando lugar a morte e ao desenvolvimento dialético do Espírito e dos conceitos na história universal (HEGEL 1992b, p. 220), onde os acontecimentos misturam-se em um lugar homogêneo. É por isto que a subjetividade, neste ponto de vista, é aniquilada, classificada como um não-saber.

Na estrutura do pensamento hegeliano, o real é mutilado quando permanecemos na subjetividade (HEGEL, 1992, p. 220). Ao contrário, em Kierkegaard, "todo conhecimento da realidade é possibilidade. A única realidade em que o existente tem algo a mais que o conhecimento é sua própria realidade, onde ela se desenvolve"(KIERKEGAARD, 2010, p. 313).

O existente estabelece uma relação com o mundo em direção ao *pathos*. No tocante a

salvação eterna enquanto bem absoluto, o *pathos* não é mero conceito, é antes, uma transformação completa do indivíduo existente. Este *pathos* existencial articula uma relação transformadora do pensamento com a existência. É na subjetividade que o indivíduo desenvolve uma relação dialética de paixão. (KIERKEGAARD, 2010, p. 380). Para Kierkegaard, o ser existente exige uma relação com a paixão, de modo que o *pathos* torna-se o elemento impeditivo para que a existência simplesmente não encerre-se em quantificações. Como nos alerta Ricardo Quadros Gouvêa, no pensamento de Kierkegaard, *a verdade subjetiva* é a mesma que *a verdade existencial* (GOUVÊA, 2000, p. 125).

É importante manter em mente, portanto, que o discurso de Kierkegaard sobre a subjetividade deve ser entendido no contexto de sua polêmica contra Hegel, que havia proposto um sujeito abstrato, absoluto, que engolia completamente a individualidade e, como consequência, perpetrava o que Kierkegaard via como a subjetividade desaparecendo numa objetividade sem limites. Ele nunca disse que há tantas verdades quanto há indivíduos." (GOUVÊA, 2000, p. 123).

Kierkegaard esforçou-se muito em fazer reconhecer a dimensão patética presente não somente na vida humana, mas também e de modo intenso na estrutura de funcionamento do pensamento (POLITIS, 2002, p. 42), distinguindo várias formas de *pathos*, desde onde o indivíduo se ausenta de si mesmo ao perder-se dentro da ideia, até ao que não é existencial, pois nem todo *pathos* o é, e esta é uma questão importante para o que se discute ser a verdade do cristianismo, de modo que a experiência de fé no cristianismo é uma experiência contingente, mas não necessária, ora, estamos falando de opção. Perceba-se como esta análise de Kierkegaard não difere tanto da de Hegel, para quem:

O movimento da lei divina encontra a expressão de sua necessidade em indivíduos em que o universal se manifesta como um 'pathos', e a atividade do movimento, como [um] agir individual, que dá um semblante de contingência à necessidade desse movimento (HEGEL, 2002, p. 328-329).

Não é nossa intenção entrar nos detalhes das diferenças, neste quesito, entre os dois autores, mas certamente isto assinala nossa asserção de que Kierkegaard não está combatendo Hegel, somente a pretensão totalizadora de seu sistema e por vezes não deixando de concordar com ele, deixemos de "utilizar o axioma de que Kierkegaard (ou Climacus) tem

sempre razão, mas busquemos, quanto possível, ouvir também o lado de Hegel"¹⁵ (VALLS, 2011, p. 70). Tais distinções são primordiais para a compreensão das duras afirmações realizadas por Kierkegaard no interior de seu *Pós-Escrito*¹⁶ e de sua crítica aos sistemas e aos sistemáticos.

À GUIA DE UMA CONCLUSÃO - INCONCLUSIVA E NÃO DEFINITIVAMENTE

"A contemporaneidade dos momentos particulares da subjetividade na subjetividade existente; contemporaneidade como oposição ao processo especulativo" é o título de um parágrafo contido no capítulo 3 - "A subjetividade real, a subjetividade ética; o pensador subjetivo" no *Pós-Escrito*. Neste parágrafo, Kierkegaard aponta a pretensa supremacia do pensamento sobre a existência, fazendo-nos retornar ao primitivo, onde as experiências, a vida, enfim, tudo já foi concluído, devendo o pensamento especulativo classificar de modo metódico as várias categorias do pensamento. Kierkegaard pergunta-se como e onde colocar questões como o amor e a fé no interior do sistema. Ele teme que a vida real torne-se espectral. Do ponto de vista da ciência pode parecer que o pensamento é o ponto mais alto da vida, assim como do ponto de vista da história pode parecer correto que fossem deixados para trás os estágios mais primitivos desta mesma vida, afinal o ser humano busca uma constante evolução. Por isso mesmo a acusação de Kierkegaard, acerca de uma geração inteira de pessoas sem imaginação e sentimentos, que necessitam situar-se dentro de um sistema; novamente seu alerta para que não confundamos o desenvolvimento histórico universal do espírito humano com os indivíduos particulares (KIERKEGAARD, 2010, p. 340).

A situação do contemporâneo é peculiar na obra kierkegaardiana, pois pergunta Kierkegaard: "crianças nascidas de pais cristãos automaticamente já são cristãs?" Estas e outras questões existenciais são essenciais para adentrarmos na discussão que o pensamento

¹⁵ Neste sentido, a obra de JON STEWART, *Kierkegaard's Relations to Hegel Reconsidered*.

¹⁶ Hélène Politis explica que do ponto de vista de Johannes Climacus dentro do Pós-Escrito, a convicção apaixonada de Jacobi é demasiada imediata/iminente por ser cristã. "Jacobi confunde gravemente fé com crença; ele imagina que sua crença é fé". Tal distinção é muito relevante no contexto da discussão proposta por Kierkegaard envolvendo fé, salto e paradoxo.

especulativo moderno tem dificuldade em realizar.

Novamente Kierkegaard recorre à ética, entendendo que é preciso impregnar a vida de ações constantemente éticas. Uma ética que centra-se no indivíduo, onde a cada um cabe ser plenamente humano, dado ser esta uma capacidade comum a todos. Não uma ética idealizada, mas uma que conflua com a práxis cotidiana. Diz-nos Kierkegaard, "que a natureza absoluta do princípio da contradição é uma ilusão que desaparece sob o escrutínio do pensamento" (ibidem, p. 342), alertando-nos para o princípio excludente imposto pelo pensamento enquanto dogma, e esclarecendo que também de modo inverso "a abstração do pensamento é um fantasma que desaparece diante da realidade da existência, portanto, anular o princípio da contradição, [...], significa para um existente que ele tenha deixado de existir (idem). O pensamento anula o imediato e diz-se que a fé é o imediato, eis aí algo que abstratamente parece aceitável aos olhos de Kierkegaard, mas como poderia um existente existir após cancelar toda a sua imediatez, questiona (idem).

O conhecimento científico ordena os elementos da subjetividade considerando o seu conhecimento sobre ela, e este se apresenta como o conhecimento supremo, argumenta Kierkegaard, e assim, todo o conhecimento é uma anulação, uma supressão da existência por uma abstração. Se, como afirma o dinamarquês, o pensamento minimiza a importância da imaginação, podemos acertadamente concluir daí que, a imaginação diminui a importância do pensamento, e do mesmo modo em relação ao sentimento, assim, a principal tarefa não consiste em elevar uma em detrimento à outra, mas à igualdade, à contemporaneidade, e ao meio em que se encontrem unidas, na existência. (ibidem, p. 342-343)

Os prejuízos aos seres existentes surgem justamente da situação onde, o erudito, o acadêmico, o científico se sobrepõe a contemporaneidade existencial, como verdade suprema. O fato de alguém nascer, crescer, envelhecer e morrer não consiste em mais do que uma existência medíocre, pois também os animais possuem esta capacidade. Unir os elementos da vida em contemporaneidade, eis aí precisamente a grande tarefa, adverte-nos Kierkegaard:

E assim como resulta medíocre que um adulto corte toda a comunicação com sua infância e deste modo seja um adulto fragmentário, é também uma

Entre ser e pensar no Pós-escrito conclusivo não científico às *Migalhas Filosóficas* de Kierkegaard

existência pobre quando um pensador, que é sem dúvida uma pessoa existente, deixa a imaginação e o sentimento, o qual é tão estranho como abandonar o entendimento. (ibidem, p. 343)

Kierkegaard situava-se em um contexto de debate filosófico, no qual a poesia só podia ser vista como momento superado, "já que a poesia relaciona-se intimamente com a imaginação" (idem). Do mesmo modo, situa-se a religião, que alerta o dinamarquês, não é algo circunscrito a alma infantil, a superstição e a crença no pensamento. Para ele "a verdade não é superior ao bem e a beleza, mas a verdade, o bem e a beleza pertencem essencialmente a toda existência humana e estão unidas no ser existente, não no pensamento, mas na existência (idem). Kierkegaard, neste ponto, leva-nos a reflexão sobre a unilateralidade do pensamento moderno. O existente unilateral rejeita clara e definitivamente aquilo que não quer, enquanto o abstrato multilateral quer tudo em virtude da unilateralidade do pensamento. "Mas a unilateralidade do pensamento produz a aparência de ter tudo; uma pessoa unilateral com estas características tem a fé, tem a paixão como momentos superados[...]", e neste sentido, defende com suas absolutas razões um ponto de vista pretensamente objetivo e universal.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. *Kierkegaard: Construção do estético*. Tradução Alvaro L. M. Valls. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

ALMEIDA, Jorge Miranda de; OLIVEIRA, Leonardo Araújo. Kierkegaard: Da relação entre existência e pensamento no *Post-Scriptum Conclusivo Não Científico*. *Revista Húmus*, v. 03, n. 07, p. 87-99, 2013.

EVANS, C. Stephen. *Fragments and Postscript: The Religious Philosophy of Johannes Climacus*. Humanity Books, 1989. 320 p.

GOUVÊA, Ricardo Quadros. *Paixão pelo paradoxo: uma introdução aos estudos de Søren Kierkegaard e de sua concepção da fé cristã*. São Paulo: Fonte Editorial, 2006. 320 p.

GUERRERO, Martinez Luis. *La verdad subjetiva: Søren Kierkegaard como escritor*. Col. **Pólemos**, Brasília, vol. 3, n. 5, julho 2014

Lomas de Santa fe: Universidad Iberoamericana, 2004. 266 p.

GUERRERO MARTÍNEZ, Luis; GARCÍA PAVÓN, Rafael; DOBRE, Catalina Elena. *Los seudónimos en la comunicación existencial*. Ciudad de México: Sociedad Iberoamericana de Estudios Kierkegaardianos, 2011. 146 p.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis: Vozes, 1992-2002.

KIERKEGAARD, Søren. *Migalhas filosóficas ou um bocadinho de filosofia de João Clímacus*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. *Diário de um sedutor; Temor e tremor; O desespero humano*. 3a edição. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Os Pensadores)

_____. *Ponto de vista explicativo de minha obra como escritor*. Lisboa: Edições 70, 1986.

_____. *Post Scriptum no científico y definitivo a “Migajas filosóficas”*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2010.

_____. *Concluding Unscientific Post-Script to Philosophical Fragments*-vol. I/II, translated, introduction and notes by Edna H. Hong and Howard V. Hong, Princeton University Press, New Jersey, 1992.

LÖWITH, Karl. *De Hegel a Nietzsche: la quiebra revolucionaria del pensamiento en el siglo XIX*. Buenos Aires: Katz Conocimiento, 2011. 501 p.

PAULA, Marcio Gimenes de. *Subjetividade e objetividade em Kierkegaard*. Aracajú: Annablume: fapitec-SE, 2009. 143p.

_____. *Individuo e Comunidade na Filosofia de Kierkegaard*. São Paulo: Paulos, 2009.

POLITIS, Hélène. *Le Vocabulaire de Kierkegaard*. Ellipses Marketing; edition, 2002. 63 p.

REICHMANN, Ernani. *Søren Kierkegaard: Textos selecionados*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1978. 403 p.

ROSSATTI, G. G. Como Narrar o que se passa na Interioridade? ou Kierkegaard e o problema da comunicação indireta. *Revista Espaço Acadêmico (UEM)*, v. Ano XI p. 125-136, 2011.

STEWART, JON. *Kierkegaard's Relations to Hegel Reconsidered*. The Søren Kierkegaard

Entre ser e pensar no Pós-escrito conclusivo não científico às *Migalhas Filosóficas* de Kierkegaard

Research Centre at the University of Copenhagen. Cambridge University Press: 2003.

THOMAS, Heywood J. *Subjectivity and Paradox*. OXFORD: BASIL BLACKWELL, 1957. 174p.

VALLS, Álvaro Luiz Montenegro. *Entre Sócrates e Cristo: ensaios sobre a ironia e o amor em Kierkegaard*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

_____. Hegel no Pós-escrito de Kierkegaard, hoje no Brasil. *Pensando – Revista de Filosofia*. Vol.2, no4, 2011, p.69-84.

_____. *O crucificado encontra Dionísio: estudos sobre Kierkegaard e Nietzsche*. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

VERGOTE, H. B. *Kierkegaard, filósofo da cristicidade*. In: _____. *Ler Kierkegaard, filósofo da cristicidade*. Tradução de Álvaro Valls e Lúcia Sarmiento da Silva, 2001.

VIALLANEIX, Nelly. *Kierkegaard: El único ante dios*. Barcelona: Herder 163 p.

VILA-CHÃ, João. (ed.). *Horizontes Existenciais da Filosofia - Søren Kierkegaard and Philosophy Today*. Kierkegaard and the Limits of Reason. Can There Be a Responsible Fideism?: Braga: Revista Portuguesa de Filosofia, 2008, viii + 704 p.